

COMO TE TORNARÁS FELIZ?

CONSELHOS PARA AS DONZELLAS CHRISTÁS.<sup>1</sup>

PARA UM ESTUDO DA SEMIÓTICA DOS CONCEITOS.

RESUMÓ:

*Mostra alguns aspectos do discurso religioso sobre a mulher. Analisa o mecanismo ideológico da proibição/transgressão mostrando as relações de poder existentes na transmissão da cultura.*

RÉSUMÉ

*Une démonstration de quelques aspects du discours religieux sur la femme. Analyse du mécanisme idéologique de l'interdit et présentation des relations de pouvoir qui existent dans la transmission de la culture.*

O texto que ora apresento foi encontrado no porão de uma casa, na cidade de Congonhas (MG). Datado de 1923 (reimprimatur), sua divulgação era feita através da Igreja Católica, observado o Nihil Obstat por Fr. Hubertus Triffterer, O.F.M., censor diocesano, editado pelo Pe. Henrique Müller.<sup>2</sup>

### 1. Descrição do objeto.

Trata-se de um guia, ou melhor, de um discurso produzido pela pastoral cristã, com o objetivo de regular, disciplinar, controlar a sexualidade da mulher.

Performativo<sup>3</sup>, por excelência, esse discurso se subordina aos imperativos de uma moral ascética, enunciada racionalmente com fins determinados. Sob a metáfora das epígrafes:

*Bemaventurados os limpos de coração, porque elles verão a Deus; e*

*Tudo quanto se estima, não se pode comparar com uma alma casta e pura [Ecclo, 26,20];*

o discurso da lei, da ética (feminina) cristã é produzido a partir de experiências do confessor. Exercendo uma ação pedagógica, doutrinária, de ordem sexual em seus princípios gerais e nas regras de comportamento, sob forma de conselhos, de prudência, as proibições são enunciadas e o controle determinado pela ideologia católica.

*Para mais facilmente alcançares essa felicidade tão grande, compuz este livrinho. Como religioso e sacerdote, há quasi vinte annos, trabalhei em villas e cidades, encontrando donzellas felizes e infelizes, mas nunca achei uma que fosse, de facto, infeliz, tendo observado os conselhos deste livrinho. (parte do prólogo)<sup>4</sup>.*

O padre, o sujeito enunciador, o produtor do discurso que passaremos a ver, funciona como agente de interpretação dos textos bíblicos. É o representante, ou se quisermos, é aquele que

fala a voz de Deus, a voz do saber, estabelecendo as relações simbólicas através da disciplina e da regulação de comportamentos.

Pretendendo dar continuidade à ação pedagógica institucional da Igreja, em seus princípios etnocêntricos, logo, eminentemente de ordem ideológica, o texto inscreve sobre o corpo da mulher a nova ordem cultural, se considerarmos o atrativo erótico do corpo entre povos indígenas, como os Caduvêo e os Maori, e o que essa nova ordem propõe: o corpo como santuário ideológico e sua sacralização.

O tema mítico da felicidade ligado ao da pureza e da castidade do coração obedece às relações maniqueístas tão comuns na civilização cristã-ocidental. Na tradição bíblica, o coração simboliza o homem interior, sua vida afetiva. É no coração que se encontra o princípio do bem e do mal, e sua perversão provém da carne e do sangue.<sup>5</sup>

Se considerarmos o corpo com seus pontos principais: o cérebro, o coração e o sexo, veremos que o coração adquire o privilégio de concentrar de certa forma a idéia dos outros dois. A partir daí, já podemos observar as relações existentes entre Deus e a sexualidade. Como a instituição religiosa está profundamente ligada aos textos da Lei (o dito), pois assim a definem, o pretexto de legislar consiste justamente em relacionar o sagrado espiritual ao sagrado material. É a norma que se faz regulamentação ou organização da sexualidade feminina (cf. prólogo citado).

### 1.1. "Não julgues coisa alguma superior à pureza do coração"

Essa primeira parte dos Conselhos sublinha o tema da castidade. A ele estão ligados valores e representações de cons-

ciência, isto é, o eixo dos significados. A castidade é a virtude mais importante, mais necessária para a felicidade. Manter a castidade ilibada é o conselho fundamental, cujos argumentos vão desde a destruição da felicidade, pelo fogo infernal do pecado, até os tormentos do inferno:

*quem perde a inocência sofre um prejuízo muito maior do que se perdesse um império inteiro.*

Todos os artifícios retóricos enfatizam a culpa, o castigo, a sanção, para introduzir princípios metafísicos e inibir a sexualidade. Esses conselhos são imperativos morais e não devem permanecer meramente externos, e sim, interiorizados, adotados como parte do código e do modo de ser femininos.

Evidenciam-se alguns traços, aqui também, como aqueles que Foucault focaliza na História da Sexualidade.<sup>6</sup> A relação negativa:

*O poder não pode nada contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não; se produz alguma coisa, são ausências e falhas; elide elementos, introduz descontinuidades, separa o que está junto, marca fronteiras. Seus efeitos tomam a forma geral do limite e da lacuna.*

A instância da regra:

*o poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido.*

O ciclo da interdição:

*Não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças;... Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido;*

A unidade de dispositivo:

*o poder sobre o sexo se exerceria do mesmo modo a todos os níveis. De alto a baixo, em suas decisões globais*

como em suas intervenções capilares, não importando os aparelhos ou instituições em que se apóie, agiria de maneira uniforme e maciça; funcionaria de acordo com as engrenagens simples e infinitamente reproduzidas da lei, da interdição e da censura: do Estado à família, do príncipe ao pai..., poder legislador, de um lado, e sujeito obediente de outro.

## 1.2. "Os meios para guardar a castidade."

Nessa segunda parte, sete conselhos são apreendidos. Assim resumidos:

- 1º a donzela só poderia ter instrução através da religião e das virtudes cristãs lendo livros piedosos: piedade/oração/missa;
- 2º receber os santos sacramentos para coibir as paixões: confissão/penitência/contrição;
- 3º pedir a graça da santa castidade, rezas à Virgem Maria;
- 4º detestar o pecado da impureza: os pensamentos desonestos, as representações, os desejos, os quadros obscenos, conversas, cantigas e a curiosidade;
- 5º respeitar a si mesma, guardando o pudor ao vestir e despir;
- 6º guardar os cinco sentidos, sobretudo os olhos;
- 7º fugir dos perigos à pureza do coração: casa, livro, companhia, divertimento, ocasiões perigosas;

que são desdobrados e detalhados em:

- a) "nunca principies namoros sem teres promessa sêria de casamento";
- b) "evita estar a sós com uma pessoa do outro sexo, principalmente às escondidas ou de noite"...
- c) "afasta-te de divertimentos de danças";
- d) "foge dos que falam indecências";
- e) "evita a leitura de livros maus";

f) "se estiveres doente não consultes senão um médico consciencioso e católico".

Todos esses conselhos e meios para guardar a castidade são sublinhados e corroborados por constantes alusões a outros textos sagrados. Uma característica comum aos discursos religiosos; o cruzamento de textos: o intertexto. Remete-se a São Paulo, à Santa Tereza, à Virgem Maria, à Sagrada Escritura.

Através da intertextualidade podemos observar como a Epístola aos Coríntios de São Paulo é interpretada em sua ordem espiritual:

*Pede muitas vezes a graça da santa castidade. São Paulo pergunta: "Quem é que me livrará deste corpo de morte?" quer dizer, das tentações contra o sexto mandamento; e elle mesmo responde: "a graça de Deus"...*

Famosa pela repressão do instinto sexual, a Epístola aos Coríntios, juntamente com a Sagrada Escritura, funciona como texto de fundação, ou seja, de produção de sentido com todos os seus mecanismos de reconhecimento. É o mito das origens, do "retorno fundador"<sup>7</sup> O caso particular da proibição do incesto (aliás, aqui no texto também aludido) presente em São Paulo, na Epístola, passou a ser geral com relação às proibições sexuais.

1.3. "Sê bem acautelada em travar conhecimentos com pessoas do outro sexo".

Monossêmico, por tendência, o discurso vai se centralizando cada vez mais em sua significação mais pertinente. Essa terceira parte trata das relações entre a donzela e o homem, é sublinha a vigilância que os pais devem observar. O sexto mandamento, sempre aludido: "não pecar contra a castidade", um dos fundamentos da moral cristã, adquire nessa passagem sua intensidade maior e mais explícita:

*é fora de dúvida que Deus quer que evites amores com pessoas de outro sexo, enquanto não lhes conheceres a vontade séria, e as circunstâncias não lhe permitirem tomar em breve, pelo casamento, o peso da família.*

Só com o casamento será possível a relação homem/mulher, já que é a única transgressão possível. (cf. Epístola de São Paulo: "mais vale casar-se que abrasar-se").

Desdobrando o sexto mandamento e indicando o caminho do casamento à donzela, o aconselhamento chega aos cuidados para "arranjar" marido. Cerca de dez cuidados, tendo por base o temor a Deus, assim resumidos:

- 1) não principies com protestante;
- 2) não àquele que já desgraçou outra donzela;
- 3) não ao moço que trata mal aos seus pais;
- 4) não ao que tem vício de embriaguez;
- 5) não ao que é irascível, rude, grosseiro;
- 6) não ao que é doente;
- 7) não ao homem moço, se és idosa, nem a um homem velho, se és moça;
- 8) não ao que faz promessa sob condições pecaminosas;
- 9) não ao que for parente;
- 10) não à figura atraente, elegante, mas aquela que é trabalhador, que gosta da família e da casa.

#### 1.4. "não traves conhecimentos com um homem que não tem a mesma fé".

A quarta parte dos Conselhos trata das relações da Igreja com outras religiões, ainda sob o prisma dos cuidados da escolha e reiterando os cuidados para a escolha de marido.

*A nossa santa Igreja sempre reprovou por motivos muito justos, os casamentos mixtos, entre catholicos e acatholicos; sempre os detestou e prohibiu.*

As preocupações constantes são a fê que deve ser a herança de pais para filhos e a indissolubilidade do casamento.

São depois da morte do marido é que estás livre, pois se a donzela casa com protestante ("de crença errada") o marido pode pedir a separação, o que não é aceito pelos dogmas cristãos.

#### 1.5. "Que se deve pensar a respeito do estado de virgindade"?

A quinta a última parte do texto é explícita.

*Em todos os tempos a santa Igreja catholica tem declarado, baseada nas palavras da Sagrada Escripura e do testemunho geral dos Santos Padres, ser o estado virginal (ou de celibato) melhor, mais perfeito e mais agradável a Deus do que o estado matrimonial.*

Elucida-se assim a intenção primordial do discurso:

*Com Maria, a Rainha das virgens, seguirá a Jesus o amante das almas puras, para onde elle fôr e cantará o hynno que só as virgens sabem cantar.*

Virgem Maria, a representação da mulher em total receptividade a Deus e em estado de vigília, introduz dessa forma a relação especular: sujeito: mulher; espelho: Virgem Maria, já elaborada na relação sujeito: homem; espelho: Cristo. Todos sujeitos à lei do Pai, de Deus, para que todos sejam felizes.

#### 2. Algumas considerações sobre a racionalização ideológica.

De sublimações a regras rígidas, as proibições religiosas, com relação à sexualidade, mantêm o pecado com transgressão à lei. O pecado está irremediavelmente ligado ao temor, ao medo, à angústia, à culpa. O pecado contra a castidade evidencia o grande tabu que se encontra na base de todo esse discurso reli-

gioso. Tabu este que por sua vez foi reconhecido pelas leis civis da sociedade.

Podemos observar, assim, como a produção de sentido se elabora, ou seja, como essa modalidade de discurso exerce "influência" de um código (religioso) sobre outro código (sexual), interferindo, conseqüentemente, na sociedade.

Em linhas gerais, a sociedade capitalista, aliada aos princípios de repressão da sexualidade advindas da Igreja, reprime sexualmente, pois é através da repressão que ela pode gerir as forças dos indivíduos. Do momento em que a produção capitalista exige uma intensificação de utilização da força de trabalho, a repressão social procurou encaminhar o corpo para o aumento da produção de bens e serviços, criando-se, conseqüentemente, mecanismos ideológicos de sustentação.<sup>8</sup>

A racionalização ideológica desse discurso é justificada pela estreita ligação existente entre a estrutura social e as formas de dominação, já que os que possuem os meios de produção dominam os que não os possuem; quem participa diretamente do processo produtivo social domina quem dele está excluído.

Não é nosso objetivo aqui fazer incursões pela sociedade brasileira dessa época, mas possibilitar uma leitura mais ampla das relações entre nossa sociedade e as representações propostas pela Igreja à mulher, ou seja, o tipo de formação destinado a ela e a definição de seu papel social a partir da análise desse discurso.

Um dado histórico importante nos é fornecido por Heleieth Saffioti.<sup>9</sup> Segundo ela, com a constituição da República, a "instrução oficial brasileira liberou-se formalmente da Igreja

Católica, mas o liberalismo de que se impregnava a legislação sobre o ensino na 1a. República, deixava larga margem de atuação à Igreja Católica, muito mais apta do que os leigos, pela tradição e pela posse de quadros habituados ao magistério, a desempenhar as tarefas educacionais situadas no terreno da livre concorrência". Ora nos colégios católicos, ora nas Igrejas, o regime do catecismo, do período da união entre Estado e Igreja, uma das formas de se iniciar a jovem cristã na fala ritualizada (orações) continuava a exercer sua influência na formação da mulher. Ser "filha-de-Maria", ou ser da "irmandade do Sagrado Coração" era o ideal da menina/moça que freqüentava o catecismo e a missa de domingo.

## 2.1. A Semiótica dos Conceitos.

A semiótica dos conceitos de pureza, castidade, honra se encontra intimamente ligada aos conceitos de medo e vergonha no mecanismo da cultura, especialmente na cultura religiosa.

Lotman nos mostra que "se a atração sexual enquanto necessidade é da competência da natureza, esta função cede lugar a uma função cultural no momento em que ela se submete a proibições [interdits] complementares (que dizem respeito ao parentesco, ao lugar, ao momento, e este em conformidade à presença ou à ausência de uma sanção religiosa, jurídica, ou de outros tipos).<sup>10</sup>

Do ponto de vista psicológico, a zona das limitações que impõe o tipo de cultura ao comportamento pode ser subdividido em dois ramos, o que rege a vergonha, e o que rege o medo.

O mesmo Lotman chama nossa atenção também para as caracte-

rísticas culturais de classe que transparecem na análise das normas de honra, na classe alta, e vergonha (medo) nas classes baixas.

Partindo do enfoque antropológico da honra, em seu estudo sobre o conceito de honra e estatuto social em Andaluzia, Julian Pitt-Rivers<sup>11</sup> nos mostra que curiosamente este aspecto da moral cristã tem mais peso no meio dos homens do "pueblo", mesmo que em sua maioria sejam anti-clericais e não religiosos, que no meio das classes médias, pilares da Igreja e profundamente religiosas. Seria o caso de pensarmos nas formas de reprodução da ideologia das classes dominantes pelas classes dominadas.

A honra, a castidade da mulher foram sempre um dos pontos cruciais de antropologia feminina. Estado e Igreja mantiveram-nas, administraram-nas com fins os mais variados. Enquanto sentimentos, foram assimilados à consciência religiosa; enquanto manifestação exterior, a interesses financeiros da família.

O mesmo Julian Pitt-Rivers, concluindo seu estudo, diz que os sistemas conceituais que se relacionam com a honra, tomados em sua totalidade e na variedade de seus contextos, alimentam um mecanismo distribuidor de poder e permitem selecionar os indivíduos que obterão os papéis de comando e imporão a imagem ideal que as pessoas fazem de sua sociedade. Em última análise, a honra serve de "câmara de compensação" aos conflitos da estrutura social, é o ponto de encontro do sagrado e do profano, do indivíduo e da sociedade, dos sistemas de pensamento e dos sistemas de ação.

Assim é que os valores de pureza, castidade, virgindade ditam leis morais, jurídicas e organizam socialmente o papel da mulher e também do homem, como zelador de seus bens simbólicos,

culturais e econômicos.

## 2.2. Proibição e transgressão: mecanismos administrativos.

*A educação, com efeito, procede tanto por silêncios como por advertência encapotadas.*

*Bataille*

Como já dissemos anteriormente, sob a forma de conselhos marcam-se os pontos de proibição e transgressão, e o discurso se organiza a partir de três pontos principais: o aconselhamento para que a donzela (1) se identifique com a Virgem Maria e com os propósitos da Sagrada Escritura (2), e guarde a castidade para agradar a Deus e à Igreja (3).

Assim caracteriza-se a melhor performance da cristã; caso contrário, a punição, a exclusão do reino dos céus e a infelicidade.

O discurso persuasivo induz a donzela à sujeição à lei. Seu efeito dilata seu raio de ação, estendendo-se sobre a totalidade do campo das atividades exercidas por ela na sociedade.

A partir de provas (técnicas) dadas pelo enunciador: 1) a autoridade do padre; 2) a disponibilidade da leitora; 3) a argumentação demonstrativa, a partir de exemplos de santos etc; a influência tende a modificar qualquer comportamento diferente daquele proposto, também porque o apelo, ora intelectual, ora afetivo, mantém as condições para a persuasão.

Os mecanismos de persuasão são variados (não vamos tratar disso agora) e administram exemplarmente a transgressão. Com relação à leitura, diz o enunciador:

*Atenção a respeito de tua leitura! Todos os dias naufragam muitas jovens nas escolhas da leitura perigosa de livros, folhetos e maus jornais... a leitura é má como o ar corrompido; sem se perceber entra no organismo, envenena o sangue... para o fogo, portanto, todos estes livros ou folhetos que, abertamente ou por alto, atacam-te a fé, roubam-te a pureza e o pudor. Para o fogo!...*

Para o ato de proibir, a simultânea possibilidade de transgredir, o que nos leva a crer, como Bataille que "a transgressão da proibição, está tão sujeita a regras quanto a própria proibição"<sup>12</sup>, ou ainda, que o notável da proibição sexual é que esta só se revela plenamente na transgressão.

É a sedução do pecado, ou melhor, o ponto crítico da sedução: o que nos seduz, nos fascina, é sempre aquilo que nos exclui radicalmente. É a pureza que deve ser manchada. A beleza/pureza espiritual que nega a animalidade, que faz despertar o desejo, culminando em sua exasperação (Bataille nos fala da beleza, que aqui substituímos, por proximidade semântica, com pureza). A pureza instaura o desejo até suas últimas consequências.

Por outro lado, se a castidade é a decência, a honra, o sexo é o vício, a degradação. O não ao corpo reforça a homogeneidade do sujeito: alma (pureza) / corpo (virgindade), pedra angular do sistema de valores e da ordem, pois o corpo é o templo de Deus, e sua propriedade.

### 2.3. A retórica da denegação

Mais um ponto a ser visto é que, para afirmar o conceito de virgindade, o discurso parte da negação. Uma série de negações são colocadas às donzelas (cf. 1.3) e, simultaneamente, é articulada a negação da negação. Confirmando-se o que Eni Orlandi<sup>13</sup> nos diz sobre o discurso religioso ser da ordem retórica da de-

negação:

*pela caracterização da dissimetria, o ouvinte acumula os valores negativos e, entre eles, o de que nasceu com o pecado, e o pecado é o não de Deus. Assim, o discurso religioso, para afirmar o que é positivo, deve negar o negativo, ou seja, deve negar o sim pressuposto do homem, ao pecado [que é negação]*

O mesmo pode ser observado com relação ao tema da felicidade. Mostram-se todos os meios para que a donzela seja portadora da felicidade. Negando-lhe tudo o que venha a ser prazer, excluindo-lhe o saber, encobrindo-lhe o corpo, para que se goze seja em Deus.

#### 2.4. A redução semiológica

O coração, signo da fonte da pureza, da felicidade funciona em proveito da virtude, da castidade, da virgindade. Funciona, assim, como valor cultural e ideológico inscrito na instituição social e nos costumes. O valor simbólico converte-se em função ideológica, já que a Igreja sobrecarrega a virgindade de valor. Essa função circula como honradez, pureza de corpo e alma etc, de mãe para filha. Há assim uma espécie de mais-valia a partir dessa circulação de conceitos, e também o que podemos chamar de redução semiológica do simbólico, que constitui o processo ideológico.

Luce Irigaray<sup>14</sup> vai mais longe na interpretação da virgindade. Diz ela:

*a mulher-virgem é puro valor de troca. Ela é a possibilidade, o lugar, o signo das relações entre os homens. Em si mesma, ela não existe: simples envoltório recobrimdo o jogo da circulação social... seu corpo natural é abolido em sua função representativa... a mulher enquanto moeda de troca será somente uma aparência...*

Mãe, virgem, prostituta, esses são os papéis sociais im-

postos à mulher na dialética da proibição/transgressão. As características da sua sexualidade também decorrem daí: valorização da reprodução, fidelidade, pudor, ignorância, desinteresse pelo prazer, aceitação passiva, sedução para suscitar o desejo etc...

### 3. Para quase concluir...

Os aspectos aqui abordados remetem ao estudo do discurso pedagógico-religioso enquanto revelador e disseminador de uma cultura a nós imposta, não somente pela Igreja, mas também pela sociedade. As inúmeras leituras que podem advir de um texto como esse se fazem em cadeia, em interligações que não se esgotam.

Do momento em que se pensa a Igreja desempenhando um papel ideológico na transmissão da cultura, vê-se como seu discurso organiza emoções segundo normas da Bíblia; estabelece comportamentos e representações que ultrapassam os limites da consciência; ilustra o sentido das leis do inconsciente, mantendo entre as gerações uma continuidade psíquica e social, somente rompida com a "descoberta do corpo", e nos aponta, em sua historicidade, para a fantástica sublimação dos impulsos da sexualidade, para o mito da mulher sem homem, e para a fantasia masculina da mãe virgem.

#### NOTAS

1. MÜLLER, Henrique. Como te tornarás feliz, Conselhos para as donzellas cristãs. Bahia, Tipografia São Francisco, 1923.
2. Sacerdote da Congregação do Verbo Divino.
3. Cf. AUSTIN, J. L. Quand dire, c'est faire. Paris, Seuil, 1970.

4. Texto transcrito conforme ortografia da época.
5. Veja-se, por exemplo, o tema da felicidade no Cântico dos Cânticos.
6. FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I. A vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1979, p. 81-82.
7. Eliseo Verón, estudando as fundações e os textos de fundação, afirma ser uma fundação um sistema de diferenças entre dois sistemas de relações, relações que os discursos contraem com as condições que os sustentam e explicam enquanto produtos de uma prática significativa que se desenrola na história. Afirma ainda que o mito do retorno às fontes pode ter uma função ideológica progressista. Verón, Eliseo. Produção de sentido. São Paulo, Cultrix, 1981. p. 122-123.
8. Veja-se REICH, W. A Revolução Sexual. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
9. SAFFIOTI, H. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis, Vozes, 1979, p. 214.
10. LOTMAN, Iuri. La Semiotique des concepts de "peur" et de "honte" dans le mécanisme de la culture. In: —. Travaux sur les systèmes de signes. Bruxelles, Complexe, 1976. (Tradução da autora).
11. PITT-RIVERS, Julian. Antropologie de l'honneur. Paris, Le Sycomore, 1983, p. 57.
12. BATAILLE, G. O erotismo. O proibido e a transgressão. Lisboa, Moraes Editora, 2a. edição, 1980, p. 58.
13. ORLANDI, Eni. O discurso religioso. In: —. A linguagem e seu funcionamento. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 233.
14. IRIGARAY, Luce. Ce sexe qui n'est pas un. Paris, Les Editions de Minuit, 1977, p. 181 (tradução da autora).